

NOTICIÁRIO

MÁRTIRES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS NOS ALTARES

A santidade é intimamente relacionada com os dons do Espírito Santo, se não mesmo uma síntese deles, como podem ser vividos na prática. Oportuno, por isso, dedicarmos nosso comentário de hoje, vigília de Pentecostes, aos três novos santos, todos padres jesuítas, canonizados por João Paulo II, esta semana, no Paraguai, e que foram beatificados por Pio XI, em 1934: Roque Gonzales, Afonso Rodrigues e João Del Castillo.

Eles são mártires ou protomártires (precursores de mártires) da fé nessa grande aventura espiritual – “Conquista espiritual” – que foram as missões jesuíticas na América Meridional. Diferem essas missões das aqui promovidas pelos portugueses, que não permitiram aos jesuítas a organização de um verdadeiro Estado dentro do Estado, como o foram as reduções do Paraguai. Daí também a hostilidade dos bandeirantes paulistas às reduções do Sul, onde se dirigiam à busca de mão-de-obra escrava e em conflito aberto com os padres da Companhia aqui estabelecidos e por isso afinal expulsos.

Que pretendiam os jesuítas do Paraguai-Uruguai, ou melhor, das **Misiones**? Construir uma **Civitas Dei** na floresta virgem, defendida até a exaustação do pecado e voltada ao louvor do Senhor – **ad majorem Dei gloriam** do lema da Companhia de Jesus?

O ator Robert de Niro, num filme brilhante – **A Missão** –, deu-nos idéia dessa empreitada, criando o clima dos primeiros contatos entre padres e índios selvagens. Aqueles jamais utilizando-se da coerção, preferindo morrer a matar, e atraindo-os por meios suasórios, notadamente a música e o artesanato.

Ao contrário do que aconteceu em civilizações antigas como as da China e do Japão, os jesuítas não formaram nas reduções um clero indígena, assim como não o fizeram no Brasil. Grandes missionários, como se depreende das obras de Montoya e Sepp, talvez os quisessem afastados das tentações do poder ou os preparassem para fazê-lo em um estágio cultural mais elevado.

Os padres tinham a convicção, como observou René Fülopp-Müller, de que os índios aul-americanos no seu estado adâmico

estavam melhor aparelhados para a construção da Cidade de Deus do que os “civilizados” europeus ou mesmo as avançadas culturas que se situavam acima do Equador, também no continente americano.

A conduta exemplar dos padres sob todos os pontos de vista deu-lhes autoridade necessária à formação de um Estado fundado nos direitos humanos dos índios. Estes índios foram certamente os inspiradores do “bom selvagem” de Voltaire, mas nada teriam sido sem a arte da doutrinação dos padres, que o testemunho da história – serenadas as paixões – mostra não ter sido uma lavagem cerebral tão em moda, mas uma sincera conversão a Cristo Salvador.

Os jesuítas provaram que era possível construir uma sociedade perfeita ou quase perfeita – não existiam a escravidão e a usura nas reduções – apenas pelos métodos da formação moral e religiosa. O autor austríaco, escrevendo há quase sessenta anos, em pleno terror stalinista, levantava a questão do grande número de vítimas do comunismo na Rússia, ainda no seu tempo, e do êxito dos jesuítas do Paraguai em construir um Estado ideal, como sonharam os clássicos da utopia, em todos os tempos. Moore ou Campanella, por exemplo. É que os jesuítas escreviam sobre um papel em branco.

Nesse cenário se inserem, como pioneiros, como testemunhos de Cristo no martírio, os três missionários ora canonizados no Paraguai. Já era tempo de essa empreitada, que tanto entusiasmou os enciclopedistas, ser reconhecida em seu verdadeiro caráter de obra ou conquista espiritual, voltada, portanto, à salvação das almas. Um empreendimento religioso, que provou a validade de seus métodos suasórios, notadamente da música, como já vimos e o mostra o filme de início citado. Antônio Sepp, que conheceu Antônio Vieira, relata como foi incumbido de construir em plena selva um órgão, para acompanhar as funções litúrgicas. Roque, de 45 anos, era paraguaio.

Os três jesuítas foram mortos separadamente pelos índios guaicurús, famosos cavaleiros que ainda no século XVIII incomodavam os monçoeiros paulistas e de quem nos dão notícia os dois Taunay, Sérgio Buarque de Holanda e Mário Neme. Sua morte em 1615, levou a uma revisão dos métodos de catequese, com tanto êxito que o mundo se quedou admirado, embora o Tratado de Madrid (1750), entre portugueses e espanhóis, cuidasse de destruí-los pela força armada, condenando à ruína os **pueblos** e à destruição as tribos, que ainda assim constituíram o cerne do povo paraguaio. H. D. (Hélio Damante), na seção “Movimento Religioso” de “O Estado de S. Paulo”, de 21-5-1988.